

Por ocasião dos domingos do Mês Missionário de outubro de 2026, temos a alegria de partilhar convosco algumas das meditações preparadas para todo o mês, no âmbito de uma colaboração entre as Direções Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias da Itália, da Índia e dos Estados Unidos, juntamente com o Secretariado Internacional da PUM.

Os comentários sobre as leituras bíblicas do Mês Missionário foram enviados por e-mail a todos os Diretores Nacionais das POM, que poderão utilizá-los nas diversas atividades de animação missionária.

Queremos renovar a nossa gratidão às Direções Nacionais que colaboraram na preparação destes textos e, de modo particular, aos seus autores: o Rev. Pe. Alessandro Sacchi (Itália), o Rev. Prof. Yesu Karunanidhi (Índia); e Mons. Roger Landry (Estados Unidos).

A PUM acrescentou algumas citações úteis para aprofundar a reflexão.

Domingo, 4 de outubro de 2026

XXVII Domingo do Tempo Comum

Is 5,1-7; Sl 79; Fil 4,6-9; Mt 21,33-43

Segundo a tradição evangélica, na véspera da sua paixão, Jesus contou a parábola dos lavradores assassinos, na qual prefigurou o dramático evento da sua morte. A liturgia deste domingo apresenta essa parábola recordando um aspecto da sua mensagem, referente ao dogma fundamental de Israel, a saber, a sua identidade como povo escolhido. De facto, como primeira leitura, o texto apresenta uma passagem de Isaías com a alegoria da vinha, que descreve o amor de Deus por esse povo que, em vez de lhe ser fiel, rebelou-se contra ele: uma traição que consistiu essencialmente na transgressão das normas contidas no Decálogo, que formavam a base da aliança entre Deus e Israel. Sem a prática da justiça, a aliança não poderia existir, e Isaías afirmou isso, ameaçando a destruição da vinha.

Jesus retoma este tema, dirigindo-se, como Lucas havia enfatizado pouco antes, aos principais sacerdotes e aos anciãos, isto é, aos guardiões da aliança. Eles consideravam-se intermediários entre Deus e o seu povo, e disso derivavam honra, respeito, poder e vantagens materiais. Em virtude dessa prerrogativa, entravam na vida das pessoas, colocando sobre os ombros dos outros fardos que eles próprios não estavam dispostos a carregar (cf. Mt 23,4). E para garantir esses privilégios, aliavam-se aos romanos e participavam com eles da exploração do povo. Contra essa exploração da religião, Jesus protestou expulsando do templo os vendedores de pombas e os cambistas, que agiam em nome dos sacerdotes. Agora, ele compara-os aos lavradores assassinos que se rebelam contra o dono da vinha, prevendo a sua ruína e a transferência da aliança para outros.

Mateus sugere que Jesus se referia à Igreja, que, segundo Paulo, representa o Israel dos últimos tempos, a guardiã da nova aliança prometida pelos profetas. Infelizmente, ao longo dos séculos, até mesmo os líderes da Igreja muitas vezes caíram nas mesmas contradições dos sacerdotes e anciãos de Israel, considerando a adesão à Igreja o único caminho para a salvação e impondo aos fiéis doutrinas e práticas que nem sempre estão em conformidade com os ensinamentos de Jesus. Era isso que Paulo queria evitar quando, na passagem da carta aos Filipenses citada na liturgia deste domingo, os exortou a valorizar tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável e honroso — em suma, tudo o que é virtuoso e louvável, onde quer que se encontre.

O Papa Francisco fez alusão a esta diretiva quando, na sua *Mensagem para o Dia Mundial das Missões*, o Papa Francisco aludiu a esta diretiva em 2025, o Papa exortou os cristãos a serem “missionários da esperança entre os povos” e a não se limitarem a atitudes fechadas ou autorreferenciais, mas a proclamarem o Evangelho reabrindo dinâmicas de fraternidade, compaixão e serviço. Muitos missionários venceram a tentação a que o Papa se refere quando se encontraram em meio de populações não cristãs, para as quais o sacerdócio não lhes conferia privilégios e para as quais os modelos e estruturas das igrejas antigas já não se aplicavam. A sua experiência certamente

contribuiu para que concebêssemos a Igreja não como a única arca da salvação, mas como uma comunidade de irmãos e irmãs ao serviço da verdadeira paz e do progresso partilhado e solidário.

Citações úteis:

PAPA LEÃO XIV, *Homilia*, Liturgia da Palavra e veneração das relíquias de Santo Agostinho, Basílica de São Pedro "in Ciel d'Oro" (Pavia), Sábado, 20 de junho de 2026

[...] Como podemos hoje, [...] ser uma Igreja viva?

A primeira orientação do Apóstolo é essencial: permanecer unidos a Cristo, pedra viva, descartada pelos homens, mas escolhida por Deus. Cristo é o fundamento do edifício espiritual, a pedra angular colocada como base do nosso caminho eclesial, da ação pastoral e da evangelização (cf. vv. 4-5).

Este ser edificado e construir em Cristo preserva-nos do risco de nos dispersarmos e cansarmos com coisas secundárias, talvez boas, mas que não vão ao essencial. Naturalmente, somos chamados a ser realistas e sabemos que, nas comunidades paroquiais e na vida de uma diocese, há muitas urgências e compromissos que exigem presença e múltiplas atividades. Porém, trata-se de reconduzir tudo ao centro, de construir sempre a partir da pedra angular, de impedir que as nossas ações se revelem dispersivas, centradas exclusivamente em nós próprios e nos nossos esforços. Dado que o centro é Cristo, todos bebemos desta única fonte, submetendo os nossos esforços ao discernimento que deriva da sua luz, da sua Palavra. Assim, fazemos crescer uma Igreja na qual caminhamos juntos, capaz de se renovar sem se dividir, onde todos se reconhecem irmãos e trabalham com alegria ao serviço do Reino de Deus. [...]

PAPA LEÃO XIV, *Angelus*, Praça de São Pedro, Domingo, 29 de junho de 2025

[...] A pedra, da qual Pedro recebe até mesmo o próprio nome, é Cristo. Uma pedra rejeitada pelos homens e que Deus transformou em pedra angular. Esta praça e as basílicas papais de São Pedro e São Paulo dizem-nos como este paradoxo continua sempre. Encontram-se no limite da antiga cidade, “fora dos muros”, como dizemos ainda hoje. O que hoje nos parece grande e glorioso foi primeiro descartado e expulso porque estava em contradição com a mentalidade mundana. Quem segue Jesus encontra-se a percorrer o caminho das bem-aventuranças, onde a pobreza de espírito, a mansidão, a misericórdia, a fome e sede de justiça, e o trabalho pela paz encontram oposição e até perseguição. No entanto, a glória de Deus brilha nos seus amigos e os vai moldando, ao longo do caminho, de conversão em conversão.

Queridos irmãos e irmãs, nos túmulos dos Apóstolos, destino de peregrinação desde há milhares de anos, descobrimos que também nós podemos viver de conversão em conversão. O Novo Testamento não esconde os erros, as contradições, os pecados daqueles que veneramos como os maiores entre os Apóstolos. Na verdade, a sua grandeza foi moldada pelo perdão. O Ressuscitado foi buscá-los, mais do que uma vez, para os colocar de novo no seu caminho. Jesus nunca chama apenas uma vez. É por isso que todos nós podemos sempre ter esperança. [...]

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça São Pedro, Domingo, 8 de outubro de 2017

A liturgia deste domingo propõe-nos a parábola dos vinhateiros, aos quais o dono confiou a vinha que tinha plantado e depois deixou o país (cf. Mt 21, 33-43). Deste modo, é posta à prova a lealdade destes vinhateiros: a vinha foi confiada a eles, que devem cuidar dela, fazê-la frutificar e entregar ao dono a colheita. Quando chegou o tempo da colheita, o dono enviou os seus servos aos lavradores para recolher o produto da sua vinha. Mas os lavradores assumem uma atitude possessiva: não se consideram simples administradores, mas proprietários, e recusam-se a entregar a colheita. Maltratam os servos, a ponto de os matar. O dono mostrou-se paciente com eles: enviou outros servos em maior número que os primeiros, mas o resultado foi o mesmo. Enfim, com paciência, decide enviar o próprio filho; porém, aqueles lavradores, prisioneiros do próprio comportamento possessivo, matam também o filho pensando que assim receberiam a sua herança.

Esta narração ilustra de forma alegórica aquelas admoestações que os Profetas tinham proferido sobre a história de Israel. É uma história que nos pertence: fala-se da aliança que Deus quis estabelecer com a humanidade e na qual convidou também nós a participar. Contudo, esta história de aliança, como qualquer história de amor, tem os seus momentos positivos, mas está marcada também por traições e rejeições. Para fazer compreender como Deus Pai responde às rejeições que se opõem ao seu amor e à sua proposta de aliança, o trecho evangélico põe nos lábios do dono da vinha uma pergunta: «Pois bem, quando voltar o senhor da vinha, que fará ele àqueles lavradores?» (v. 40). Esta interrogação sublinha que a desilusão de Deus pelo comportamento malvado dos homens não é a última palavra! Nisso consiste a grande novidade do Cristianismo: um Deus que, mesmo desiludido pelos nossos erros e pelos nossos pecados, não falta à sua palavra e sobretudo não se vinga! [...] A urgência de responder com bons frutos à chamada do Senhor, que nos convida a tornar-nos sua vinha, ajuda-nos a compreender o que há de novo e de original na fé cristã. Ela não é tanto a soma de preceitos e normas morais mas, antes de tudo, uma proposta de amor que Deus, através de Jesus fez e continua a fazer à humanidade. É um convite a entrar nesta história de amor, tornando-nos uma vinha vivaz e aberta, rica de frutos e de esperança para todos. [...]

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça São Pedro, domingo, 4 de Outubro de 2020

[...] A imagem da vinha é clara: representa o povo que o Senhor escolheu e formou com tanto cuidado; os servos mandados pelo senhor são os profetas, enviados por Deus, enquanto o filho é a figura de Jesus. E tal como os profetas foram rejeitados, assim também Cristo foi rejeitado e morto.

No final da história, Jesus pergunta aos chefes do povo: «Quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?» (v. 40). E eles, tomados pela lógica da narrativa, pronunciam eles mesmos a própria condenação: responderam-lhe: mandará matar sem piedade aqueles miseráveis e arrendará a sua vinha: «Dará morte afrontosa aos malvados, e arrendará a vinha a outros vinhateiros que lhe entregarão os frutos na altura devida» (v. 41).

Com esta parábola muito dura, Jesus coloca os seus interlocutores face à sua responsabilidade, e fá-lo com extrema clareza. Mas não pensemos que esta admoestação não se aplica apenas àqueles que rejeitaram Jesus naquele momento. É válido para todos os tempos, também para o nosso. Ainda hoje Deus espera os frutos da sua vinha daqueles que enviou para trabalhar nela. Todos nós.

Em cada época, aqueles que têm autoridade, qualquer autoridade, também na Igreja, no povo de Deus, podem ser tentados a fazer os próprios interesses e não os de Deus. E Jesus diz que a verdadeira autoridade é quando se faz o serviço, é servir, e não explorar os outros. A vinha é do Senhor, não nossa. A autoridade é um serviço, e como tal deve ser exercida, para o bem de todos e para a difusão do Evangelho. É terrível ver quando na Igreja as pessoas que têm autoridade procuram os próprios interesses.